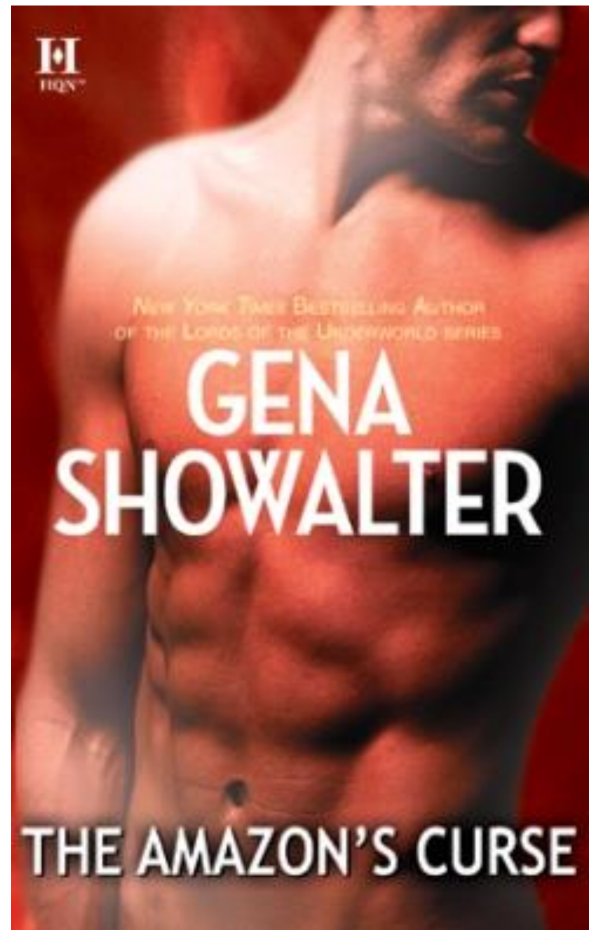
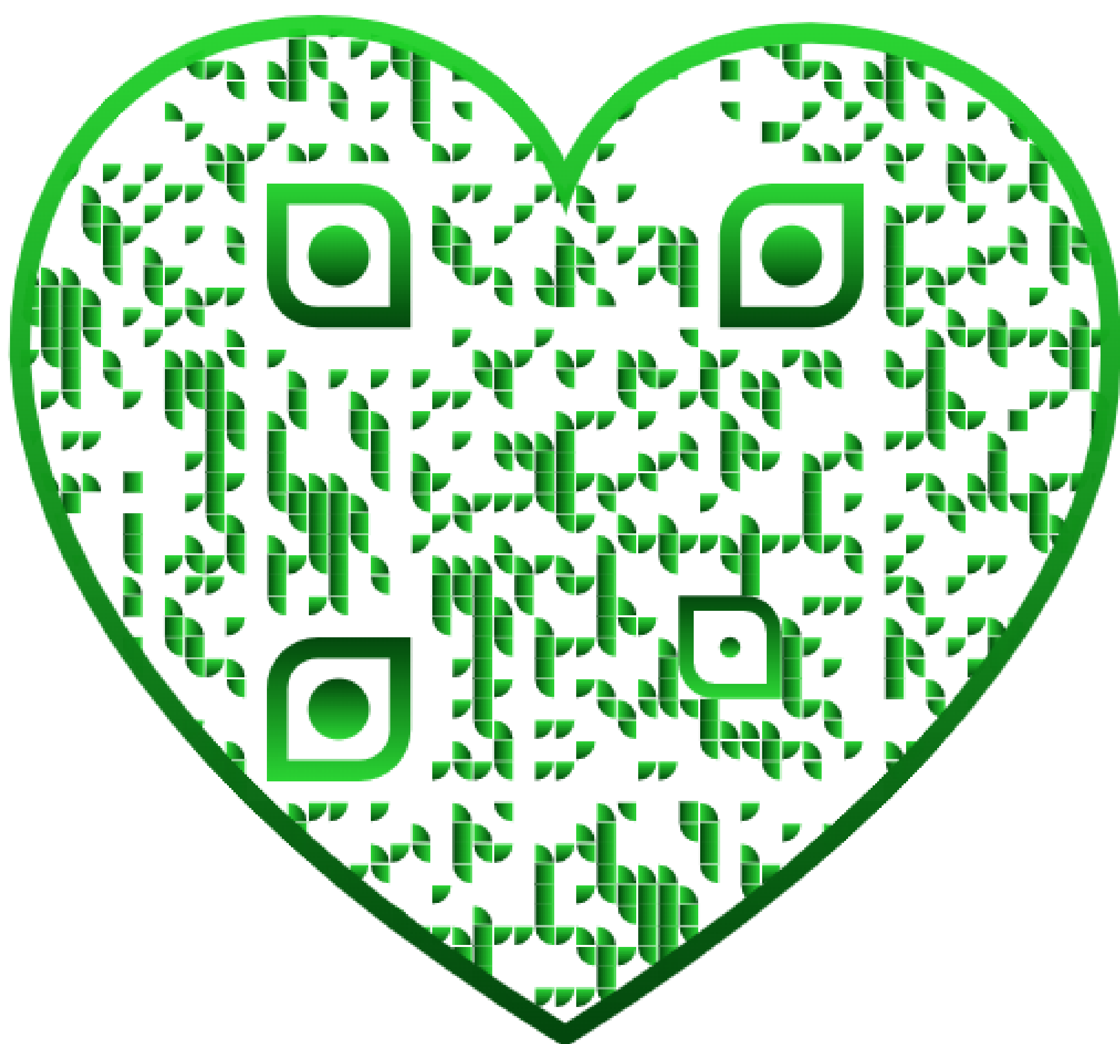


Gena Showalter
A Maldição da Amazona
Atlantis 05

Zane, um feroz guerreiro vampiro, foi escravizado pelas Amazonas.
Nola, uma encantadora Amazona, foi amaldiçoada com a invisibilidade.
Agora, estes dois inimigos obstinados devem vencer o passado que os persegue e abraçar um amor que pode libertá-los...





Comentário da Revisora Juliana: Adorei a mini-história.

Comentário da Revisora Adriboa: *O encontro amoroso de um Vampiro que foi escravo sexual por séculos e uma Amazona que sempre foi abusada no sexo têm tudo pra dar errado, mas como estamos no Mundo díPapel... Zuzu acaba bem!*

Capítulo 1

Nola permanecia em pé no centro do acampamento, olhando enquanto suas irmãs de raça formavam uma fila. Cada uma trocando com impaciência o peso de um pé para o outro, segurando as armas escolhidas. Elas escolhiam tochas, lanças, mas sobretudo espadas.

Oficialmente tinha começado a época do emparelhamento.

Logo as mulheres dividiriam-se em grupos, lutando umas contra as outras pelo direito de reclamar qualquer escravo roubado que desejassem. Atualmente os escravos, oito no total, estavam acorrentados à parede mais afastada do espaçoso recinto. Eram três dragões, dois centauros, dois tritões e um vampiro. Os oito eram musculosos, bonitos... e todos sorriam abertamente, exceto um. O vampiro.

Seu vampiro, Zane.

Os homens seriam usados essa noite e durante as próximas semanas. Então seriam libertados para nunca mais voltar. Esse era o procedimento das Amazonas. Capturá-los, aproveitar-se deles e abandoná-los. É obvio que os homens estavam felizes com isso. Todos exceto Zane.

Zane tinha o cabelo escuro, olhos igualmente escuros e o caráter mais feroz que ela já tinha visto alguma vez. Não gostava que o tocassem e devido a isso feriu a várias Amazonas — não era uma façanha fácil — em sua busca pela liberdade.

Finalmente, em um esforço para domá-lo, elas não o alimentaram com o sangue que necessitava para manter-se forte. Agora ele estava fisicamente debilitado, só era capaz de se apoiar contra a parede e esperar que fosse declarada a sua amante.

Entretanto, nada podia diminuir seu ódio — ou a promessa de retribuição que irradiava nele.

Era como se Nola o conhecesse a uma eternidade, mas só fazia quatro meses. Ele a desejou tentou ganhar o seu afeto — e ela tentou matá-lo. Com a lembrança, a culpa a golpeou.

Mas em sua defesa tinha o fato de nem sequer o conhecer. Só se preocupava com a sua própria sobrevivência. Os deuses os arrastaram a uma ilha deserta, junto com várias outras criaturas, e os colocou um contra o outro, os obrigando a lutar, a olhar sem poder fazer nada para

evitar quando seus amigos eram executados.

Mais que isso, ela passou toda a sua vida odiando aos homens e a dor que traziam com eles. Sendo uma menina, foi vendida por sua própria mãe para um homem atrás do outro. Foi usada, ferida, humilhada… arruinada. O desejo de Zane a apavorou e repartiu golpes a tudo e a todos.

E agora, estava pagando por isso.

Ninguém podia vê-la. Ninguém podia ouvi-la. Embora estivesse rodeada por uma brilhante luz dourada que se infiltrava pelo acampamento, ninguém sabia que estava ali, e que esteve entre eles mês após mês. Os deuses a amaldiçoaram com a invisibilidade quando foi eliminada em uma competição impossível — e então a prenderam a este acampamento do mesmo modo como o Zane estava preso.

Os deuses enviaram Zane também a inatividade, dando de presente o vampiro às Amazonas para fazer o que eles acreditavam ser adequado. E deveriam usá-lo — e o fariam.

Como a época do emparelhamento não tinha começado até hoje, o tinham obrigado a trabalhar em suas terras, arrastar pedra após pedra para construir mais lojas. Teve que encontrar pedaços de madeira e convertê-los em armas. Inclusive o obrigaram a alimentar-se de tantas mulheres quanto tivessem à mão. E é obvio que ele tentou escapar, assim elas decidiram matá-lo de fome. Essa inanição fez com que se debilitasse insuportavelmente, lhe deixando inútil. Ultimamente tudo o que era capaz de fazer era deitar em um lugar e amaldiçoar.

—Parem em frente ao escravo que queiram reclamar — ordenou Kreja, a rainha das Amazonas. Permanecia de pé à beira do seu assoalho real, seu olhar explorando, espectador. Era uma mulher adorável, com cabelo pálido e olhos luminosos, ambas as coisas lhe davam aspecto de fragilidade. Mas possuía um coração de ferro e uma natureza viciosa.

As guerreiras formaram filas, como Nola sabia o que fariam, e se reuniram ao redor dos homens que as tentavam.

Dezenove de trinta e duas fêmeas escolheram Zane.

Ela esperava que a aversão de ser mordida e ter que lhe dar o seu sangue as desanimaria. Deveria ter pensado melhor. A força era apreciada entre as Amazonas, e Zane quase conseguiu ganhar sua liberdade. Por duas vezes. Elas queriam essa força para seus descendentes, que era o ponto chave da época do emparelhamento.

—Excelente — disse Kreja com uma risada.

Zane grunhiu.

Isto encantava as mulheres ao redor dele, elevando-o a um novo nível de impaciência.

Nola lutou contra uma onda de raiva, de impotência. Não deveria ter temido Zane. Deveria ter desfrutado dele enquanto teve a chance. Seu contato foi o primeiro que teve em toda sua vida que não a encheu de repugnância. Havia algo quase… reverente em cada uma de suas suaves carícias. Se tivesse dado boas-vindas, possivelmente pudesse ter lhe ajudado a expulsar os demônios do seu passado. Poderia tê-la salvo de si mesma.

Agora, nunca saberia.

—Lutem por mim se desejam — disse ele entre os dentes afiados e apertados.

—Mas saibam que matarei à vencedora com minhas próprias mãos.

Não era um homem dado a mentir. Nola sabia.

—Tão vingativo — gracejou alguém em tom de felicidade.

—Todo meu — rompeu outra.

—Sou eu quem ganhará a sua semente — grunhiu outra.

—Serei eu que darei a luz a sua origem.

—Ninguém dará a luz a meu filho — rugiu ele.

Ele não estava destinado a ser um escravo, quis gritar Nola. Era muito orgulhoso, muito desafiador. Traços que ela também possuía. Esse era o motivo de ter se rebelado e finalmente matado a própria mãe. Era o motivo pelo qual algumas vezes chorava em sonhos desejando poder rasgar as imagens da sua mente.

Franziu o cenho, Nola se aproximou a passos largos e estendeu as mãos, esperando que, por uma vez, seus dedos fizessem mais do que passar por entre as pessoas, pois tentou tocar às Amazonas que estavam ao lado. Como sempre, sua mão deslizou através de seus corpos como se ela não fosse mais substancial que a névoa.

Um grito de frustração escapou dela.

De todos os modos, ninguém prestou atenção nela.

—Aquelas que desejam o vampiro entrem agora na arena — a dura voz de Kreja silenciou todos os argumentos. Juntas fizeram como ela lhes ordenou, passando inclusive através de Nola.

—Malditas sejam! —gritou ela—. Escutem-me!

É obvio que não o fizeram.

Com os ombros caídos, ela diminui a distância entre ela e Zane e se sentou ao seu lado. Igual aos outros, ele não agiu como se tivesse notado a sua presença. Ela podia quase —quase— sentir seu calor, e ela sentiu a sua carne ferver.

—Lily — chamou Kreja com um gesto de mão.

Lily, a princesa menina que um dia governaria este clã, se levantou de seu trono em cima do assoalho e se caminhou para o lado de sua mãe, o pequeno corpo coberto com roupas aveludadas, muito mais do que as tiras de pele e saias que as guerreiras usavam.

Ela mudou muito nos últimos meses. Já não era mais uma rainha inocente e em formação. Já comandou uma vez o acampamento para provar a si mesma que era digna de sua gente — começando por um descuido uma guerra entre as Amazonas e os Dragões, uma guerra que ela acreditava ter causado as mortes de Nola e das outras amazonas— agora era solene e decidida a se converter em uma líder digna.

Inclusive ela abandonou o direito de reclamar a Marca do Dragão Mutável, outro exilado pelos Deuses, como seu servente pessoal e o havia oferecido a sua gente. Ele agora se sentava junto aos outros escravos.

—Não lutarão até a morte — proclamou Lily com sua suave voz—. Mas continuem a luta até que só uma de vocês fique em pé. Será ela quem obterá o direito de ir pra cama com o vampiro.

Imediatamente as mulheres foram à ação. Metal contra metal, grunhidos abundantes e a

areia jogada em todas as direções. Os corpos caíam, gritos de dor ecoavam quando uma mulher de cabelo rosado abria passo grosseiramente através das massas.

Logo, ela foi a única a permanecer em pé.

Nola quis vomitar.

—E assim temos uma ganhadora. —Kreja indicou a Zane com um gesto de mão—. Reclama o seu prêmio, querida. Saiba que estamos muito orgulhosas da força e da tenacidade que você demonstrou hoje.

Quando a mulher se aproximou, Zane tremeu. De raiva. Possivelmente receoso.

—Não deixarei que o tenha — jurou Nola, embora soubesse que não havia nada que pudesse fazer para evitar o que aconteceria.

Capítulo 2

A fêmea ia matá-lo, pensou Zane aturdido e desinteressado.

Ela o ganhou, contudo faz quanto tempo que alguém tinha lutado por ele? Um dia? Dois? Fraco como estava, tinha perdido a noção do tempo. Tudo o que lembrava era que ela tinha tentado muitas vezes ir para cama com ele. Ela precisava de um membro duro para isso e ele não tinha dado.

Negar-lhe a tinha encantado.

Agora, duas daquelas Amazonas desgraçadas estavam de pé ao seu redor, contemplando seu corpo nu. Se não tivesse estado meio morto de fome e a um passo do colapso total, esses olhares fixos o teriam deixado com uma ira assassina. Odiava ser observado tanto quanto odiava ser tocado.

Passou muitos séculos como puta da Rainha Demônio, era seu para usar, seu para ferir. E, sofreu todas essas indignações de boa vontade, tudo pelo amor de uma mulher.

Um escravo, como se supunha que ele deveria ser. Marinha, aquela detestável Rainha prometeu dar a liberdade a seu amor, se Zane a agradasse até que ela se cansasse dele. Mas ela jamais se cansou e, Cassandra, sua companheira escolhida, começou a odiá-lo por isso. Entretanto, ainda assim decidiu ganhar o seu prêmio.

E então, Layel, o Rei Vampiro, fez o impossível… Matou a Rainha Demônio. Dando finalmente a liberdade a Zane e a Cassandra, e ele pensou em voltar a ganhar o seu amor de novo. Depois tudo o que fez foi por ela. Só que ela fugiu dele. Com outro homem. Provavelmente aconteceu o melhor.

Zane não era mais o homem que alguma vez tinha sido. Evitava às fêmeas e não queria mais saber delas. Não queria mais nada relacionado ao sexo. Estremecia diante da idéia. As coisas que havia feito… As coisas que haviam feito a ele embrulhavam o seu estomago. Se hoje tivesse comido, teria vomitado.

Mas então, Nola entrou em sua vida. A bonita, apaixonada e intensa Nola. Uma mulher

que não o queria, que o rechaçou. Uma mulher a quem ansiou com cada célula do seu ser, apesar do que lhe fizeram. Uma mulher que os Deuses tinham lhe arrebatado. Não sabia se ela sobreviveu ao jogo na ilha ou se os Deuses a tinham colocado em liberdade, mas às vezes, podia jurar que sentia o cheiro de sua doce essência, que sentia o suave deslizar de suas mãos.

A primeira vez que a viu, pensou que era um presente dos Deuses. Por que se não fosse, não teria sido capaz de suportar— não, desfrutar— do seu toque como de nenhum outra? Quem sabe ela possivelmente fosse outra maldição, pensou. Ainda a desejava, mas igual à Cassandra, jamais poderia tê-la. O que fez para merecer isso?

—Sou forte —disse sua "proprietária" chamando a sua atenção— assim, é obvio que ele me deseja. Quero dizer, olhe o que fiz as outras competidoras! Dezoito contra uma e, mesmo assim, apropriei-me desse homem. Mas está muito fraco para ser reclamado.

—Precisa de sangue — disse outra.

—Sim, mas se lhe der sangue, ele será capaz de levantar a cabeça e me morderá.

Ambas as fêmeas estremeceram.

As Amazonas, se aborreciam diante do pensamento da mordida na carne e o consumo do sangue, e mesmo assim pensavam em violentá-lo para obter um filho dele, não se davam conta que o filho de um vampiro provavelmente teria que morder e beber sangue para sobreviver?

Matariam ao mestiço se resultava ser mais Vampiro que Amazona? Inclusive através da névoa de debilidade, o pensamento provocou a ira dentro seu peito. Antes as mataria.

Talvez pensassem em alimentar o filho da mesma forma como o alimentavam, pensou. A idéia o acalmou um pouco.

Diante de sua última tentativa de fuga, tinham para do de alimentá-lo, permitindo apenas três pequenas taças de sangue ao dia. Quem doou ao sangue, não sabia. Não importava. O que elas não compreendiam era que ele jamais uma vida. Só o fez daqueles que tinha assassinado. Como estava muito fraco para machucá-las, não corriam o risco de serem mordidas. Inclusive faminto como estava.

Estaria mentindo se dissesse que não dissesse que gosta do seu medo e aversão.

Mas sabia que tudo isso era discutível. Ele jamais deixaria um filho para trás. O que era dele, era dele.

—Tentou manipular o seu membro?

—É obvio, sabe que não é meu primeiro escravo.

—Bem, dê sangue a ele e ate logo a sua boca. Desta maneira será forte o bastante na cama, mas será incapaz de te morder.

—OH, excelente idéia! Pega uma taça.

A mulher de cabelo rosa, não se importou de não lembrarem o seu nome, tirou uma de suas adagas, deslizou e cortou um sulco em seu pulso e manteve a ferida aberta sobre o cálice.

Sua boca se encheu de água diante da visão e do aroma desse néctar carmesim, suas presas se alargaram.

Ela se aproximou dele e levantou a taça contra seus lábios. Felizmente, sua pele não tocou a sua.

—Bebe.

Obedeceu, bebendo três goles preciosos. Imediatamente, o calor se expandiu através dele, atravessando com força da cabeça aos dedos do pé.

—Está funcionando! Sua cor está voltando.

A taça foi afastada de sua boca e seu olhar foi encontrou com o olhar da sua captora. Era bonita, se isso lhe importasse. Mas não era assim. Só importava que ela tivesse o cabelo rosa em lugar de negro, olhos marrons em vez de turquesa e que não cheirasse como Nola. Como o mar, as tormentas e as flores.

Houve uma pausa, logo um ronrono de acordo.

—É mesmo bonito, não é verdade?

—Não esqueçam que ele é meu — grunhiu como resposta.

—Bom, seu membro ainda está flácido, assim não poderá reclamá-lo ainda — as outras amazonas retrocederam.

O sangue continuava trabalhando através dele, e a letargia que o atormentou nestes dias se dissipava, deixando seus músculo com energia e seus ossos chiando. Escapar, pensou com um grunhido abrindo caminho através de sua garganta.

Ambas as Amazonas saltaram para longe dele com um uivo.

—Depressa! Atem sua boca!

—Não me toquem! —os grunhidos se intensificaram enquanto Zane se soltava das cordas que rodeavam seus pulsos e tornozelos. Assobiou e grunhiu, chutando tudo o que alcançava, as Amazonas se moviam ao seu redor.

—Não me toquem! Ouviram? Matarei todas vocês!

De repente, um raio dourado de luz derramou para dentro da barraca e poderia jurar que tinha visto Nola.

—Não! —ficou imóvel, seu coração golpeando contra suas costelas.

Sua captora se moveu alcançado ao seu pescoço e bloqueando sua visão.

—Saia da frente! —gritou, golpeando seu quadril contra o dela, fazendo ela cair de bruços. Imaginou ter visto Nola antes, ali na barraca de campanha. E planejava saborear o momento dessa visão tanto quanto fosse possível.

Definitivamente tinha um contorno brilhante com compridos cabelos negros e um brilho de cor turquesa nos olhos, à medida que Nola tentava debilmente afastar sua captora dele. Prendeu o fôlego. Encantadora. Seu membro endureceu rápida e dolorosamente. Nola. Sua doce torturadora.

Infelizmente, a ilusão não durou mais que uns poucos segundos. Quis gritar, fazer mal, mutilar. Assassinar e ser assassinado. O desejo chegou muito tarde, entretanto, sua atordoada imobilidade lhe custou caro. A Amazona foi capaz de ficar em pé e atar facilmente uma corda de material grosso ao redor de sua boca.

—Por fim — suspirou com satisfação, afastando-se para longe dele, ficando de cócoras e sorrindo satisfeita—. E tal como suspeitava, seu membro é... - suas palavras morreram e sua risada desapareceu à medida que sua ereção se desinflava em frente aos seus olhos—. Mas... você

estava… por que…

Só tinha imaginado Nola, sabia, mas não podia deixar de procurar em busca de outro vislumbre dela. Para sua consternação, só viu peles, móveis esculpidos e armas. Apesar de sua captora tentar excitá-lo mais uma vez, se despindo e o acariciando, mesmo assim ele não deixou de procurar.

Finalmente, exasperada ela se vestiu e saiu da barraca, deixando-o a sós com sua loucura.

Capítulo 3

Por ter sido tantas vezes amarrada e usada, Nola conhecia a humilhação, a frustração e a impotência que Zane estava sentindo. Devia querer matar Amélia, sua nova proprietária. Ela sim queria.

Machucar outra Amazona ia contra a natureza de Nola, contra cada regra aprendida, mas teria feito a guerreira em pedaços se fosse capaz de pegar uma adaga. Os olhos de Zane estavam tão selvagens, seus grunhidos tão desesperados, e ela era incapaz de poder ajudá-lo, só era capaz de observar com horror.

—Tomarei o seu lugar — gritou ao céu, sem saber se os deuses estavam escutando. Ou se inclusive se importavam. Zane não merecia isto. Ninguém merecia. Mas ao menos ela tinha tolerado a servidão antes. As mulheres não a violariam, é obvio, mas atuariam sobre ela e a golpeariam, mas poderia sobreviver as duas coisas.

Zane cheirou o ar e seu corpo de repente se esticou. Logo começou a lutar contra suas ataduras. A atenção dela se focou nele. Estava olhando diretamente para ela, seu escuro olhar brocando-a.

—Zane — disse, correndo para o seu lado e se ajoelhando—. Shhh, agora só conseguirá machucar os seus pulsos e tornozelos ainda mais — já estava sangrando, perdendo o sangue que acabava de tomar.

Ele seguiu cada movimento dela.

Poderia ele… não. Não era possível. Sem importar quantas vezes tinha desejado o contrário, tinha permanecido imperceptível como o ar que ele respirava. Além disso, se ele soubesse que ela estava aqui, estaria lutando contra ela como tinha lutado com Amélia. Possivelmente mais violentamente. Quantas vezes antes deste terrível castigo, tinha repreendido seus avanços? Tratado de machucá-lo chamado-o inclusive com nomes vis? Tudo por estar muito assustada com os seus sentimentos. Não sou digna de ser uma guerreira Amazona.

Desesperado, Zane esfregou sua mandíbula contra seu ombro até que o material caiu de sua boca.

—Nola — gritou—. Nola, Nola, Nola.

Ele podia vê-la. OH, deuses. OH, deuses! Poderia tocá-lo? Seu braço tremeu ao mesmo tempo em que elevava uma mão, querendo afastar o cabelo de seu rosto, mas como sempre, sua

mão o atravessou. Ela gemeu em frustração.

Ele riu o som cheio de doce satisfação.

—Finalmente me deslizei pela borda da prudência e não me importo —relaxou contra as savanas estendidas debaixo dele—. Minha Nola, está aqui para me consolar. Tão bela como sempre.

Sua Nola? Um arrepiou se deslocou por seu interior. OH, se sozinho…

—Não está me imaginando, Zane. Realmente estou aqui. Estive aqui desde o dia em que você chegou.

Zane não parecia escutá-la. Seu olhar estava muito ocupado embebendo-se com ela.

—É claro que eu a imaginava assim macia e exuberante, mas de qualquer jeito não é minha para que eu possa possuí-la.

—Me ouça. Os deuses me amaldiçoaram como ti amaldiçoaram, só que eu não posso ser vista, ouvida ou sentida.

Até agora. Por que, por que, por que agora podia ser vista e ouvida, mas ainda não podia ser sentida?

Finalmente, suas palavras pareciam criar raízes. Suas pálpebras se estreitaram e seus lábios se esticaram contra os seus dentes, revelando as pontas de suas presas mortais.

—Como posso te ver, então? —perguntou, refletindo os pensamentos dela.

—Oxalá soubesse — disse ela com um suspiro.

Seriam outros capazes de vê-la, também?

—Assim, outra maldição foi jogada sobre mim. Te ver, mas não poder te tocar.

Afastou seu rosto do dela, como se não pudesse tolerar olhá-la por um minuto a mais. Era esse o tratamento que esperava dele, mas mesmo assim doía. Merecia isso. A julgava uma guerreira.

Ao menos já não imaginava que estava louco.

—Por que não está com Brand? —perguntou.

Brand, o dragão que mudava de forma e que tinha sido amaldiçoado assim como eles.

—Eu não…

O que? Lhe agradava Brand, mas não estava preocupada com o tratamento que ele recebia. Ele não lutou contra o seu cativeiro como Zane. Tinha abraçado a idéia de uma proprietária Amazona. Outro além de Lily, claro. Lily tinha sido muito jovem para ele e não tinha sido nada mais que um servente para ela. Desde que o tinha liberado para ser a propriedade de outras Amazonas, entretanto, não tinha se mostrado mais que contente.

Inclusive se não se divertiu, Nola ainda teria escolhido observar Zane. Sua força e determinação, e inclusive sua selvageria a atraíam.

Possivelmente porque essa selvageria verdadeiramente nunca tinha se estendido para ela. Inclusive quando o apunhalou em ambos os ombros com as lanças, ele não tentou feri-la. Tinha gritado por ela, querendo estar com ela.

—Por que não usou o seu… dom para te ajudar a escapar? —perguntou, ignorando sua pergunta.

Tanto quanto esse homem devia odiá-la, ela não estava pronta para verbalizar seus mais suaves sentimentos. Inclusive não entendia a sua mudança de atormentadora para atormentada.

As bochechas dele se ruborizaram com vergonha, mas ainda assim não a olhou.

Uma vez ele usou esse dom com ela. Ele entrou nos seus sonhos e lhe mostrou como tudo seria bom entre eles. Quanto a beijasse e saboreasse cada centímetro do seu corpo, e quando ela gozasse a faria apreciar.

—Pode mostrar às Amazonas a destruição que acontecerá caso elas não o libertem.

—Os deuses tiraram minhas habilidades quando me enviaram para cá. Não posso mais penetrar nos sonhos. Ou criar pesadelos. Também tiraram minha habilidade de me transportar para outros lugares apenas com o pensamento.

Malditos sejam!

—Deve haver uma maneira de se. Eu gostaria de deixar o acampamento e ir ver o seu rei. Espalhou-se por Atlantis que ele está casado com minha irmã, Delilah. Eles iriam ajudá-lo, eu sei. E talvez, como você seriam capazes de me ver e me ouvir. Mas eu estou presa a este acampamento, tão certo como se estivesse de algemas. Não posso deixar os seus limites, ou talvez pudesse, agora que parte da sua maldição parece ter sido atenuada. Eu queria ir, mas não podia obrigar a ficar longe de lá.

Zane se afastou para mais longe dela, e suas correntes tilintaram. Era outro aviso desolado de suas circunstâncias de condenado.

—Por que você me ajudaria?

—Porque eu… — olhou para as próprias mãos. Seus dedos estavam entrelaçados e retorcendo o couro de sua saia. Eles queriam estar sobre o corpo de Zane, aprendendo cada matiz dele. O que o faria ofegar de prazer? O que o faria gemer?—. Ti devo essa. Ti fiz mal e estou arrependida. Tão arrependida que acho que nunca poderei ti expressar o quanto. Quero…

—É o suficiente — ele grunhiu, a cortando

—Não quero suas desculpas. Nunca quis. Sempre quis você, o teu corpo.

O desejo a percorreu.

—Sim — sim. Isso era o que ela também queria —. Mas não pode me tocar. Como…

—Descobriremos. Sobe em cima de mim.

Ela o fez, sentando-se escarranchado sobre sua cintura. Os olhos dele se fecharam, e se arqueou para cima. Ela imaginou seu duro membro esfregando-se contra ela e gemeu. —Zane, eu…

A entrada da barraca se agitou e Amélia avançou a passos longos.

—Bem, vampiro. Decidi… - seus olhos se abriram de par em par e ela se deteve.

—Nola? O que está fazendo aqui?

Nola saltou como se tivesse se queimado. Queria gritar de frustração, mas conteve sua língua. Pelo menos sua pergunta foi respondida. Os outros podiam vê-la.

—Olá, Amélia.

Ela soava tão sem fôlego para a guerreira como parecia para ela?

—Pensávamos que estava morta.

—Pensaram errado.

O olhar escuro de Amélia se alternou para Zane e logo voltou para Nola.

—De qualquer forma, se afaste do meu escravo.

—Nola - disse Zane, e havia uma advertência em seu tom.

Uma advertência de que? Nola não o olhou, mas encarou seus ombros e forçou sua expressão a se endurecer.

—Como ele pode ser realmente o seu escravo quando você não lutou com todas as mulheres que desejam ter direitos sobre ele? Amélia, ti desafio pelo vampiro.

Capítulo 4

—Se apresse!, Ela voltará a qualquer momento e trará outros com ela. Possivelmente o exército inteiro.

Zane observava como Nola tentava, e falhava ao puxar suas correntes presas na base do poste, que estava profundamente fincado na terra. Como aconteceu antes, seus dedos simplesmente passaram através do objeto.

Sua sensação não tinha diminuído. Nola estava aqui. Nola tentava ajudá-lo. Depois de fazer o seu anúncio, sua captora saiu da barraca com a intenção de falar com a Rainha Amazona. Nola o queria para si.

Antes, quando tinha lhe pediu perdão, não foi remorso que expressou sua voz. Foi desejo. Ela então subiu sobre ele sem vacilar, gemeu quando ele se arqueou sobre ela. Não foi capaz de senti-la, mas OH! Só o pensamento de fazê-lo já era suficiente para ele.

—Como pressupõe que lutará contra ela? —exigiu.

—Não pode feri-la, e nem ela poderá te ferir.

—Não queria brigar com ela. Queria tempo. E, por que você continua deitado aí? —Ela olhou para ele, com as mãos nos quadris e o cabelo negro desordenado ao redor de seu delicado rosto. Era o soldado que ele conhecia.

— Lute por sua liberdade!

—Virá comigo se eu escapar?

—Se eu puder, sim. Quero isto mais do que qualquer coisa. —Acrescentou com um sussurro.

Uma vez mais, não houve nenhuma vacilação. Inclusive, havia um ponta de esperança em seus magníficos olhos. Ela realmente não o odiava.

O que provocou essa mudança nela? Agora mesmo não importava. Tudo o que ansiou nesses meses de cativeiro estava sendo oferecido a ele: Nola, sua liberdade e uma oportunidade de estarem juntos. Já não se sentia amaldiçoado. Nunca foi tão abençoado.

Que não pudesse senti-la? Quem se importava! Estar com ela era o mais importante.

De repente, se sentiu impulsionado por um desejo que nunca sentiu antes, nem mesmo

quando se prostituiu para a Rainha Demônio, desesperado para salvar Cassandra. Ele queria isto. Teria. Tão logo escapasse e se libertasse. Por isso parecia eternidade, puxou com tanta força os seus pulsos e tornozelos, esforçou-se tanto que seus ossos finalmente cederam.

Liberou ambos os tornozelos e logo depois os pulsos. A dor quase o fez cair de joelhos. Então, com as pernas tremendo ficou de pé. Nada mais importava. Finalmente estava livre.

—Estou ouvindo elas —Nola ofegou — Vamos! —Ela tentou agarrá-lo, mas sua mão atravessou seu corpo. —Maldito seja!

Não houve nenhuma sensação, nenhum arrepio, mas o fato de saber que ela tentava tocá-lo lhe enviou um tremor e o fez se estremecer por inteiro. Desde o primeiro momento tinha sido assim. Tinha fugido de outras. Elas o tinham aborrecido. Com ela, só podia ansiar por mais. Por quê?

—Por aqui! —Ela correu até o outro extremo da barraca. —Levanta a lapela.

Se movimento lentamente até ela, tropeçando constantemente, e fez o que ela lhe ordenou. Ao mesmo tempo, seu corpo maltratado gritava em agonia, um manto negro toldou sua visão e seu estômago estava embrulhado. Os vampiros se curavam rapidamente, mas ele ficou sem tomar sangue durante muito tempo, e somente consumiu poucos goles.

Lá fora, a luz se derramava na cúpula de cristal que rodeava toda a Atlântida, esquentando e ardendo sua pele, agora sensível, ficou com lágrimas nos olhos. Só sentiu essa sensação uma vez. Naquela ilha amaldiçoada pelos Deuses. O aviso de seu tempo ali o enfureceu, e essa fúria lhe deu forças, barracas e mais barracas rodeavam a terra ao redor. As Amazonas estavam dispersas por toda parte. Algumas se inclinavam sobre o fogo martelando suas armas. Outras estavam pendurando peles de animais.

—Ande atrás de mim. —disse Nola. —Como se fosse meu escravo.

Ela caminhava na frente, com a cabeça bem alta. Atrás dele, podia ouvir um murmúrio de vozes na barraca da sua captora. Amélia havia voltado, e efetivamente tinha levado um exército com ela. Zane ficou em movimento. Felizmente, ninguém prestou a menor atenção neles, ao menos até que um cone soou. As Amazonas o viram e se endireitaram, algumas inclusive alcançando suas armas.

—Corre! —gritou Nola correndo rápido —Corre!

Não satisfeito atrás dela, se emparelhou ao seu passo. Um bosque surgiu uns metros adiante com árvores frondosas que poderiam cobri-los.

—Nola! —gritou alguém. —Pare!

—Vampiro! —Gritou sua captora—Não dê um passo a mais. Te castigarei.

Zane tropeçou em um rocha. Cambaleou para frente, seus tornozelos quebrados incapazes de suportar seu peso. Quando bateu no chão, o impacto foi tão forte que perdeu todo o oxigênio que havia em seus pulmões. Com uma careta, se levantou pesadamente, e novamente começou a correr.

Durante todo o tempo Nola o animou. —Pode fazer isso. Sei que pode. Esse é o caminho. Só um pouco mais longe. —Mas quando chegaram às árvores, ela parou e gritou.

—Não! Não, não, não.

Ele também parou, enfrentando-a. Tentou agarrá-la, mas como sempre, só encontrou ar. —Vamos. Agora.

—Não posso. É como se houvesse uma parede me bloqueando.

—Desesperadamente, olhou por sobre os ombro para as carrancudas Amazonas que se dirigiam para eles.

—Vai. Por favor. Só vai.

Ele ficou no mesmo lugar, os gritos em sua cabeça desapareceram devido a sua dor corporal, não podia deixá-la. Mas tampouco podia ficar ali, destroçado como estava. Para nenhum dos dois a situação estava boa.

—Amaldiçoou aos Deuses, ao Hades!

—Elas podem te punir? —perguntou.

—Não, elas não podem me machucar. São capazes de me ver, mas sou intocável, esqueceu? —Ela sorriu, mas o riso não alcançou os seus olhos.

—Agora Vai, vai antes que o peguem. Dessa vez não serão amáveis com você.

—Nola…

—Zane. Vai. Por favor. Se salve. Você não está destinado a ser escravo de nenhuma mulher.

Um músculo palpitava sob seus olhos. —Voltarei por você. Tão logo eu me cure, eu voltarei. —Enquanto falava, andava de costas. Só quando ela estava fora de suas vistas, deu a volta e correu.

Capítulo 5

Nola enfrentou suas irmãs. Elas formaram um ameaçador semicírculo ao seu redor. Cada uma a olhava com fúria.

—Libertou ao meu escravo — grunhiu Amélia e várias guerreiras vaiaram e assobiaram para Nola.

Ela sempre foi uma espécie de estrangeira na tribo, assim não se surpreendeu pela fria recepção.

—Ele não é seu — disse orgulhosamente—. Mas sim, eu o liberei.

Kreja com o cenho franzido deu um passo adiante, separando-se das outras e ficou nariz com nariz com Nola.

—Quero cinco das que sejam da elite, armadas e prontas para caçar ao vampiro dentro de nos próximos cinco minutos.

—E você — continuou a rainha—. Conhece ao castigo por roubar o escravo de sua irmã?

Os passos das guerreiras ecoavam ao passo que obedeciam as ordens.

—Sim — repetiu Nola.

O castigo seria os açoites, pura selvageria. Não acreditava que elas pudessem fazê-lo, mas

mesmo sendo evidente, teria se arriscado. Pela liberdade de Zane valia à pena, no mínimo, perder a pele de suas costas.

—Delilah retornou e nos disse que ele ainda estava com vida, mas isso não nos impediu que nos preocupar com você. E agora a encontramos aqui, lutando contra nós. Por que fez isso? — perguntou a Rainha, soando genuinamente curiosa, em vez de enfurecida.

—O vampiro já sofreu o suficiente nas mãos das Amazonas. Como nós, ele é um ser vivo, com sentimentos. É valente, selvagem como os animais deste bosque e feroz além da imaginação.

E voltaria por ela. Confiava nele.

Nunca antes acreditou em um homem, mas confiava em Zane. Depois de observá-lo durante tantos meses, sabia que não era o tipo de homem que prometia sem ter intenções de cumprir. Ela sabia que ele não dizia as coisas simplesmente para tranqüilizar aos outros. OH, sim. Ele voltaria.

O que fariam quando voltasse, não sabia. Só sabia que precisava estar com ele. Ela poderia viver com qualquer maldição desde que ele estivesse vivo e com ela.

Kreja suspirou.

—Belas palavras, mas isso não mudar o que fez. Não só libertou um escravo, libertou ao escravo da sua irmã. Por isso, enfrentará Amélia na areia de batalha. Ela estará armada. Você não. Depois, se sobreviver, será açoitada, como é o nosso costume.

A Rainha se aproximou e rodeou com seus dedos o antebraço repentinamente sólido de Nola, arrastando-a para a areia, com Amélia logo atrás. Nola ofegou impactada. O que… por que... Como era possível?

—Não serei boa contigo — grunhiu Amélia.

Elas podem me tocar. O que significa que podem me ferir compreendeu Nola, sentindo o temor a atravessar.

Estaria viva quando Zane retornasse?

Zane chegou à fortaleza dos Vampiros e desabou diante das portas. Sua força se foi. Suas feridas não cicatrizavam. Açoitado como tinha sido, não foi capaz de caçar para comer. Destroçado como estava, tinha sido incapaz de capturar um só animal para se alimentar.

Felizmente, os guardas o reconheceram. Foi levantado, o apoiaram em um ombro e levado ao interior do palácio. O toque o incomodava, mas não lutou contra ele. Tinha muita pressa e sabia que esta era a melhor maneira. No momento em que alcançaram sua câmara pessoal, ouviu um zumbido de atividade, seu nome estava sendo sussurrado nos lábios de todos.

—Sangue — disse com voz rouca enquanto o guarda o recostava na cama.

O guarda inclinou sua cabeça, oferecendo seu próprio pescoço.

Zane sacudiu a cabeça e fechou os olhos.

—Copo.

Não o tiraria de uma fonte viva. Ainda não podia suportar a idéia, a menos que essa fonte viva fosse Nola. Uma vez, quando tinha se assegurado de que seria bem-vindo, invadindo seus

sonhos, ele a provou. A doçura do seu sangue… a decadência de seus gemidos… e ele se deleitou com cada uma de suas matizes. Ele não macularia aquela lembrança tomando a de mais ninguém, nem mesmo desesperado..

Como ela podia afetá-lo desta maneira?

Talvez não se importasse de suas mãos sobre ele, porque via a si mesmo refletido em seus olhos. Via vulnerabilidade, dor, temor e desejo. Provavelmente eles compartilhavam um passado similar, ela já se referiu a algo assim, quando estiveram juntos na ilha. Isso significava que alguém já a tinha machucado em algum momento de sua vida. Profunda e inequivocamente. Zane queria destruir a essa pessoa, pedaço a pedaço.

Mãos cálidas se colocaram sobre seus ombros e o sacudiram.

Suas pálpebras se abriram e um grunhido saiu de sua garganta. Quando viu que era Layel quem se debruçava sobre ele com uma taça nas mãos, se obrigou a relaxar contra o colchão de plumas.

—Meu rei, eu…

—Não fale agora. Beba — disse Layel colocando o copo contra seus lábios.

Alto, discretamente musculoso, com olhos azuis e cabelos brancos, era uma bonita visão misteriosa que lembrou Zane do seu resgate da Rainha Demônio, assim como dos horrores que suportou nas mãos dos Deuses.

—Bebe.

Zane abriu a boca, e o doce néctar da vida se derramou por sua garganta. Engoliu com avidez. Mais uma vez e o calor se estendeu através dele. Calor, força e determinação.

Não mentido a Nola. Voltaria por ela. Conquistaria esse maldito território e a todos que estivessem dentro dele. Nola não ia gostar. Essas mulheres eram suas irmãs.

Bem, elas não deveriam tentar escravizá-lo, pensou sombriamente. Mas no fundo, sabia que não ia machucá-las. Não realmente. Por Nola, simplesmente deixaria elas seguir o seu próprio caminho, reclamando o território como próprio e permanecendo ali até que ela pudesse partir.

—Melhor agora? —perguntou Layel.

—Mais — disse quando o fornecimento acabou. Precisava de cada gota de suas forças para conquistar às Amazonas.

Layel cortou seu pulso e encheu o copo com sua própria força de vida. Desta vez, Zane foi capaz de sustentar o copo por si mesmo. Bebeu até a última gota. Quando terminou, lambeu os lábios e enfrentou ao Rei.

—Estou preparado para falar — Disse ele.

—Escapou dos Deuses e da sua ilha — grunhiu ao mesmo tempo em que seus pulsos e tornozelos maltratados voltavam para o seu devido lugar—. Ganhou o seu jogo?

Os lábios do rei se levantaram lentamente em um sorriso.

—Delilah o fez. Ela salvou aos dois. Estávamos te procurando desde o momento em que retornamos, mais as Amazonas o escondeu muito bem.

—Tem notícias da minha irmã? —perguntou uma voz feminina.

Zane olhou além do seu Rei e viu Delilah de pé na entrada. Ela era de aparência miúda mais

tão feroz quanto Nola em um campo de batalha. Seu cabelo azul caía ao redor dos seus ombros e a preocupação estava gravada nas profundidades violetas de seus olhos.

—Está viva — disse e ela expulsou um suspiro de alívio— E é minha.

— E ela está de acordo com essa afirmação?

A cabeça de Delilah estava inclinada para um lado enquanto esfregava o ventre ligeiramente arredondado.

Ligeiramente arredondado. Um bebê? Layel ia ser pai? Uma dor floresceu no peito de Zane. Ele quis ter filhos com Cassandra. Tinha sonhado com eles. Entretanto, isso também lhe foi negado. Até agora?

Com Nola… Não pode realmente tocá-la, tolo. Esse sonho ainda está morto. Não podia se importar, de qualquer forma. Enquanto tivesse Nola, nada mais importava.

—Bem? —Delilah insistiu.

Nola desejava pertencer a ele? Ela perguntou. Pensava que sim. Ela o ajudou, inclusive quis vir com ele. Mas também era uma guerreira de coração, uma Guerreira Amazona, além do mais elas só toleravam os homens durante a sessão de acasalamento. Ele queria muito mais do que isso. Não importava as circunstâncias. Queria o mesmo que Delilah e Layel tinham.

—Logo saberemos — disse Zane tirando as pernas da cama.

—Você acabou de chegar — disse Layel. — Aonde vai?

—Conseguir a minha mulher, e desta vez não a deixaria escapar.

Capítulo 6

Grunhidos, gemidos e o ruído de metal contra metal despertaram Nola do seu sono inquieto. Queria se levantar para ver o que estava acontecendo, mas não conseguia obrigar ao corpo a entrar em ação. Tinha uma dor agonizante nas costas, a pele estava completamente esfolada. E quanto ao resto do corpo, bom, não tinha ido se saído muito melhor durante a sua batalha com Amélia. Nola ganhou, sua determinação era mais forte do que qualquer arma, mas não saiu ilesa. Seus braços, barriga e pernas ficaram com cortes profundos.

Deitou-se na cama, sua barriga pressionada contra as mantas. Sozinha, sempre sozinha. Não permitiram que ninguém a ajudasse. De jeito nenhum. As Amazonas se curavam tão lentamente quanto os seres humanos, por isso ela sabia que sofreria ainda por várias semanas.

Um grito soa lá fora. Seus músculos estavam tão pesados quanto pedras e não tinha força suficiente para ficar em pé ou para pegar a comida. Sentia como se não tivesse a força necessária para comer. Entretanto, amava as suas irmãs e queria ajudá-las, apesar do que elas lhe tinham feito.

—Vampiro, você morrerá por isso! —alguém gritou.

—Não será por sua mão — ouviu uma voz masculina dizer. O rei vampiro?

Apesar da sua dor, Nola sorriu relaxada. Zane estava aqui.

A batalha continuou por horas. Nola não queria que suas irmãs fossem feridas, mas tampouco queria que Zane perdesse, esperar sem saber era difícil. Mordeu os lábios e cravou as unhas nas palmas das mãos, e ao começar a suar suas costas começaram a queimar como incêndio.

Finalmente, a frente da barraca se abriu e a luz entrou em seu interior. E ela o viu, Zane o seu vampiro em pé diante dela, seu coração batia acelerado contra as suas costelas.

—Eu sabia que você viria — sua voz estava apenas audível.

Não gritou durante os açoites, não emitiu nenhum som, mas conter os gritos em seu interior tinha arranhado sua garganta até deixá-la em carne viva.

—Nola… carinho… - ele se aproximou dela lentamente, como se fosse um animal apanhado—. O que fizeram com você? —havia horror em sua voz. Agachou-se a seu lado e estendeu a mão alisando o seu cabelo úmido—. Estou te tocando, como isso é possível?

—Aconteceu logo depois que você se foi.

Normalmente ela se envergonharia por ele vê-la assim: fraca, indefesa e nua, exceto por um lençol que cobria apenas metade do seu corpo, mas o alívio de vê-lo vivo era muito grande.

—Vou destruir aos Deuses por isso. Encontrarei uma maneira de entrar nos Céus e vou…

—Não, não. Isto é uma bênção. Tive tempo para pensar e acredito que sei o que está acontecendo. Cada vez que admito algo a seu respeito, como o fato que não merecia o que lhe fizeram, e que confio em você, me é devolvido um pedaço de minha vida.

Suas sobrancelhas se franziram, unindo-se, e uma faísca de esperança se vislumbrou em seus olhos.

—Pode atravessar os limites do acampamento?

—Não. Minhas irmãs me levaram ali, ou melhor me jogaram, mas esse muro invisível as bloqueou.

A fúria substituiu à esperança.

—Não ferimos suas irmãs, sabia que odiaria se o fizéssemos, mas agora quero cortar a todas em pedaços. Se não abandonaram o acampamento eu farei com que o façam agora.

—Agora eu estou aqui e é isso o que importa. Mas… quanto tempo você poderá ficar ? — O nervosismo retornou. Seu rei poderia querer que ele voltasse. E um dia as Amazonas voltariam — Você não poderá ficar para sempre e eu não posso sair. Seremos obrigados a nos separar novamente…

—Tudo bem, tudo bem carinho. Estou aqui e não irei sem você custe o que custar. Você me liberou e encontrarei uma forma de ti libertar.

A força momentânea que o nervosismo tinha lhe dado se esgotou e ela exalou um suspiro.

—Tendo você, eu sempre estarei bem.

—Sim, estará — Se estendeu ao seu lado inclinando a cabeça, lhe mostrando seu pescoço. O aroma encheu seu nariz. Especiaria escura e rocio de árvore. Ela inalou profundamente, saboreando.

—Bebe — disse ele.

—Q…O que? —inclusive quando foram apanhados na ilha, não deixou ninguém beber dele.

Nem do seu pulso, e certamente nunca do seu pescoço.

—Bebe. Sei que morder e o sangue são desagradáveis para a sua espécie, mas se curará mais rapidamente se meu sangue fluir dentro de suas veias.

—Não, você não entende. Não me importa beber de você, somente não te repudiar. Sei que você não gosta que lhe façam isso.

—Quero te dar tudo, Nola. Inclusive isso. Contigo e não com outra. Preciso disso, por favor. Por favor.

Esse homem forte e orgulhoso lhe pediu por favor. Como podia lhe negar. Gritou ao se aproximar devagar dele e cravar os dentes em seu pescoço o mais forte que pôde, furando a pele e alcançando a veia.

O sangue instantaneamente deslizou por sua garganta. Antes, a idéia de fazer isso era desagradável para ela, como ele disse. Mas este era Zane. E ela o queria ele em seu interior, qualquer parte que pudesse conseguir. E como ele, queria tudo o que ela pudesse lhe dar.

—Nunca pensei que permitiria alguém beber de mim novamente — disse, acariciando sua cabeça—. Durante muitos séculos fui escravo da Rainha Demônio, e ela bebia de mim quando queria e da forma que queria.

Seus métodos me faziam adoecer, mas eu permitia porque ela tinha algo (alguém) que minha submissão salvaria. Alguma vez já te disse?

Estava tentando distraí-la de sua tarefa, suspeitou sentindo o calor do seu sangue através dela, a iluminando de dentro para fora. Mas ela não se deteve, porque queria ouvir mais.

—Quando ela morreu e eu fui libertado, pensei que jamais suportaria isso novamente. Mas você eu permito que o faça, foi assim desde o início e eu também não entendo. Você me faz esquecer essas lembranças e me faz desaparecer a repulsão por esta e outras ações. Minha... necessidade de você simplesmente o anula. Mas, por que eu preciso tanto de você?

Finalmente, ela se separou dele. Não se afastou, mas sim se aconchegou em seu esperado abraço, com a cabeça apoiada na curva do seu pescoço. A ação doía, mas só um pouco. Podia sentir a carne das suas costas se reconstruindo.

—Quando eu era menina, minha mãe se uniu a um homem e deixou o acampamento das Amazonas para viver com ele. Eu não tinham dinheiro e por isso... eles me venderam, várias vezes — disse, o calor se estendendo por suas bochechas—. Conheço esse desejo de não querer ser tocado por mais ninguém. Mas com você...

—OH, carinho. Sinto tanto...

Esse tom suave trouxe lágrimas a seus olhos.

Ele envolveu seu braço ao redor dela tomando cuidado com as suas feridas.

—Uma vez me disse que sua família tinha te destruído e que você os matou por isso, mas eu não tinha nem idéia de que eles tinham feito essas coisas — disse.

Ela espalmou a mão contra o seu peito, exatamente como tinha desejado fazer todos esses meses enquanto o observava. Seu coração pulsava duro e rápido.

—Provavelmente lembraremos o que nos aconteceu. Sem medo, incorruptos. Possivelmente veremos o futuro um no outro e o passado deixará de importar.

Não respondeu, e ela ficou decepcionada. Em troca a colocou sobre os lençóis e se incorporou, o que a enfureceu. Ele não queria um futuro com ela? Era isso o que o seu silêncio significava? Fez…?

Ele deslizou a ponta dos dedos ao longo de sua espinha dorsal e ela estremeceu.

—Tudo já foi curado — disse com voz rouca—. E agora é todo meu.

Graças aos Deuses. Ela não estava certa do que faria se ele a tivesse rechaçado novamente como ela o rechaçou.

—Faça amor comigo, Zane — jamais esteve com um homem que ela mesmo tivesse escolhido. Nunca se entregou completamente. De repente se sentiu desesperada para saber como seria com este homem. Só este homem, que era sem dúvida um presente dos Céus, inclusive no meio da sua maldição—. Por favor.

Capítulo 7

Zane colocou Nola sobre suas costas de modo que ela olhava para ele. Quase deixou escapar um suspiro, enquanto ele se deitava sobre ela ainda vestido com as roupas salpicadas com sangue enquanto ela estava nua.

Seus seios eram pequenos, mas firmes, perfeitamente inclinados e com duros mamilos rosados. Sua barriga era plana, sua pele era suavemente beijada pelo sol. Ele podia ver cada marca de suas costelas, e sabia que ela não tinha comido nada desde que ele partiu há seis dias. Malditas fossem suas irmãs! Ela já não tinha sido torturada o bastante sem acrescentar a sua tribo?

Ia queimar as imagens do que haviam feito a ela. Queimar a memória dos homens que a tinham usado. Substituiria ambos com pensamentos dele. Não importava o que teria que fazer para consegui-lo.

—Alguma vez sentiu prazer com o ato? —perguntou.

Seus seios oscilavam pra cima e pra baixo devido a força da sua respiração.

—Não, e você?

—Faz muito, muito tempo. —Só rezava para recordar como agradar a essa mulher.

Com a Rainha Demônio, não quis sentir. Simplesmente suportava. O prazer de uma mulher foi importante para ele como nesse momento.

—Se eu te assustar ou fazer algo que você não goste me diga.

Ela assentiu, mordendo os lábios nervosamente.

—Digo o mesmo pra você.

Foi sua vez de consentir. Em vez de chupar seus mamilos como desejava, levantou-se dela, tirou sua camisa e a lançou pro lado. Suas botas e calças seguiram rapidamente, o deixando nu como ela.

O olhar da Nola viajou ao longo do corpo dele, e o fogo explodiu dentro de seus olhos cor de turquesa.

—Zane…

—Assustada?

—Não, não vai me ferir. Só queria que saiba que eu gosto do que vejo.

Sua confiança lhe deu coragem, igual a seu elogio e suavemente relaxou em cima dela. Pele contra pele, dureza contra suavidade. Eles gemeram em uníssono. O contato com qualquer outra pessoa, inclusive seu Rei, era um inferno. O contato com Nola era o céu. Suas pernas abertas, permitiu que o embalasse profundamente.

—Quero te beijar agora — disse.

Só quando lhe sussurrou seu consentimento, inclinou-se para baixo e pressionou seus lábios contra os dela.

Tinha-lhe dado seu sangue, mas não tinha lhe dado a sua boca. Para seu deleite, isso era inclusive melhor. Doce, embriagador, não pela vida ou a cura, nem sequer para aliviar a fome, a não ser simplesmente por prazer. Era aditivo, e ele se perguntava como ficou sem isso durante tanto tempo.

—Vou chupar seus seios… agora — disse entre ofegos—. Você gostaria disso?

—Sim, sim.

Ela também estava ofegando. Também, estava suando. Seus olhos estavam fechados e sua cabeça se agitava de um lado para outro.

Eu fiz isso. Cheio de orgulho baixou sua cabeça, encaixando seus lábios em torno de uma pequena e apertada pérola. Deu-lhe atenção antes de passar a outra com cuidado, muito cuidado para lhe dar prazer e não dor.

Beijando descendo por sua barriga, estremeceu e exclamou seu nome.

—Paro? —perguntou.

Seria difícil, mas encontraria um jeito de se conter.

—Mais.

Graças aos Deuses. Nunca esteve mais determinado em sua vida. Conheceria essa mulher. Cada centímetro dela. Nada seria proibido. Corpo, memórias… alma. Com a boca cheia de água, a lambeu entre as pernas. Molhada, selvagem, sensual.

Uma lembrança de fazendo o mesmo com a Rainha Demônio se deslizou por sua mente. Uma vez, tinha odiado esse ato, até tentou com Nola nessa ilha. OH, o quanto tinha desfrutado de fazê-lo, coisa que o surpreendeu. Após o ansiava, outra surpresa. Queria que isso durasse para sempre. Nola era preciosa, um tesouro, seus gritos eram droga para seus ouvidos.

Não pense no Demônio. Ela não tem lugar nesse maravilhoso momento.

—Assim? —Por favor, por favor, por favor.

—Mmm, sim. Antes, eles só rasgaram minha roupa, e se abriram…

—Não, não. Nada disso. — Ao mesmo tempo em que falava deixou de se retorcer. Tinha liberado o agarre de morte sobre seus cabelos. —Isso não é entre nós. Somos só eu e você nesta cama. Só você e eu.

Seus olhos estavam luminosos quando assentiu.

—Me morda, então. Toma meu sangue e me lembre que meu Vampiro está me reclamando.

—Não, não, não posso.

—É porque não tira de seres vivos? —perguntou vacilante.

—De ti, estaria encantado de tomar. Cada vez que quisesse. —Era a verdade—. Mas como já te disse, sei que sua espécie detesta isso, e jamais te pediria que fizesse algo que não quer. Encontrarei meu alimento em outra parte.

—Não! —gritou, e foi o grito de um soldado. Podia parecer delicada, mas realmente tinha uma alma de guerreira—. Só o tirará de mim.

Com um sorriso nos lábios se deu conta de que ela era uma guerreira possessiva. Arrastou por cima do seu corpo, ajustando o seu membro contra sua entrada úmida.

—Só desejarei você, carinho. É a verdade.

—Preciso de você em meu interior. Preciso te sentir, tão profundo quanto possa ir. Seu membro e seus dentes. Tome tudo de mim. Por favor.

OH, esse, por favor… Ele tinha visto a forma como sua expressão se suavizou quando tinha pronunciado essa palavra. Agora ela pensava utilizá-lo em seu contrário. Bendita fosse. Centímetro a centímetro se afundou em seu interior, cuidadoso, meticuloso. Nunca tinha exercido tal delicioso cuidado. Finalmente, entretanto, estava nela até o punho. Estavam unidos, eram um só. Ela o rodeou, apertada, quente e úmida e era melhor do que tinha esperado.

Com ternura, tomou seu rosto. Seu formoso rosto. Roçando seus lábios com os polegares. Cuidaria dela todos os dias de sua vida. Se asseguraria de que ninguém a machucasse de novo.

—Pronta?

—Pra você? Sempre.

Se retirou dela, quase todo antes de se afundar de novo e gemer de sorte. Ela tinha suas costas arqueadas, e seus perfeitos dentes brancos mordiam seu lábio inferior. Sua cabeça caiu para um lado, revelando seu delicioso pescoço. Ainda assim, não a mordeu. Não o faria. Não faria isso a ela.

Moveu-se dentro e fora, saboreou-a dentro e fora. Olhando-a nos olhos durante todo o tempo, e ela olhou nos seus. Era como se cada um fosse à âncora do outro. Como se vendo um ao outro os mantivesse aí, apanhados no momento, só eles dois, seguros e queridos. Não havia nada mais, não havia ninguém mais, a materialização de cada desejo secreto que alguma vez tinham possuído.

—Me morde — ordenou ela.

—Não. Está se curando.

—Não. Estou curada. Me morde. Eu quero. Eu preciso. Não me negue isto. Por favor, não me negue isto.

—Nola…

—Por favor, Zane. Por favor. Com você nada parece incorreto. Não me faça suplicar.

Não podia suportar o pensamento dessa mulher suplicando por nada. A mordeu e suas presas se introduziram em seu pescoço. A doçura de seu sabor explodiu em sua língua através do

seu corpo, fazendo seus músculos estremecerem e seus ossos vibrarem.

—Zane — gritou enquanto suas paredes internas estremeciam ao redor do seu membro—. Zane, Zane. —Suas mãos se apertaram às suas costas, suas unhas cravavam em seus músculos—. Sim, sim, sim.

—Nola! —isso foi tudo o que seu corpo necessitou para impulsionar sua própria liberação.

Rugiu, disparando em seu interior, a enchendo com tudo o que ele era. Nesse momento, toda sua existência tinha sentido. Tinha nascido para ser o companheiro dessa mulher. Entregou-se a um demônio para compreender melhor a dor dessa preciosa mulher. Foi escolhido para o cruel jogo dos Deuses para assegurar a sobrevivência dessa mulher.

A amava. Sempre a amaria.

E agora, pensou uma idéia cobrando vida, a salvaria.

Capítulo 8

Nola se aconchegou contra o corpo de Zane, mais feliz do que alguma vez esteve em sua vida. Acabava de fazer amor. De fazer amor de verdade. E foi assombroso. Seu corpo zuniu de prazer e sua mente se elevou aos céus.

Só uma vez ela pensou no passado, e Zane tinha derrotado rapidamente às lembranças, como só um guerreiro forte e feroz poderia fazê-lo. Ninguém alguma vez a fez se sentir tão protegida e apreciada como este homem tinha feito. Na verdade, nunca imaginou que tais sentimentos fossem possíveis.

—Zane. —Disse sorrindo. Estava cheia de alegria, bêbada dela, e só poderia sorrir pelo resto de sua vida. —Obrigado.

—Fiz um bom trabalho, não?

Era a primeira vez que ele se brincava com ela, e gostou. Uma risada borbulhou dentro dela, não podia contê-la. Logo ela estava rindo tão forte, que as lágrimas desciam por sua face.

Os lábios de Zane estavam tremendo.

—Alguns homens tomariam isso como uma crítica ao seu desempenho.

—Mas como você sabe que fez um bom trabalho…

—Eu não sou um deles. —Esteve de acordo.

E eles compartilharam um sorriso.

Seus braços se fecharam ao redor dela. —Me disse que cada vez que admitia algo sobre mim, se libertava de uma parte da sua maldição.

—Sim. —Recordando a difícil situação em que se encontrava, uma parte de sua alegria se foi.

—Então, Tem algo a mais pra admitir?

—OH, bom… Eu… Eu. —Nola se sentou e baixou seu olhar para ele. Já não parecia tão crédulo e alegre como antes. Sua expressão estava em branco. Não, não em branco. O medo

faiscava nas profundidades de seus olhos. Por alguma razão, ver isso lhe deu coragem.

—Eu te amo, te amo tanto que chega a doer — As palavras saíram e ela não podia detê-las.

—Não posso imaginar a minha vida sem que você esteja nela. Quero fazer amor com você a cada noite e despertar a cada manhã. E não quero que pense que estou dizendo isto só para que a maldição se acabe. Eu não o faço.

—Você é muito honesta para usar de um truque desses.

—A agarrou e a colocou embaixo dele. —E para que saiba, eu também te amo. Tanto, que morreria sem você. É minha vida, meu coração, meu tudo. Em qualquer lugar que você esteja é aí o lugar onde eu quero estar.

Ela jamais se atreveu a sonhar a ter um homem como ele ou ter uma vida como a que certamente teriam, sequer quando era menina. Era pedir muito, um sonho inalcançável que ela preferiu desistir e se entregar a sua pena a arriscar-se a ter esperança.

—Os Deuses não arrebataram essa capacidade. — disse —. Ainda posso ter sonhos. E pela primeira vez na minha vida, vislumbro alegria no meu futuro.

—OH, Nola. Você é a minha alegria.

Com outra risada, lançou seus braços ao redor dele e o fez rodar sobre suas costas. Seu cabelo escuro caiu ao redor dele, formando uma cortina que os deixou a ambos sozinho, do jeito que gostavam.

Fizeram amor mais duas vezes e passaram várias horas simplesmente falando e se conhecendo melhor, antes de se vestir e sair da barraca. A noite tinha caído, mas os guerreiros Vampiros seguiam patrulhando a área.

Nola viu o Rei e a sua irmã em frente do fogo. Não tinha nenhuma mágoa entre ela e Delilah. Depois de tudo, Nola ainda tentou uma vez assassinar a Layel. Ela continuou caminhando, determinada. Algo por Zane. Entretanto…

—Eles estão…? E se…?

Zane capturou sua mão e a apertou.

—Eles lhe amarão e lhe darão as boas vindas ou então encontraremos outro lugar para viver.

Ela negou com a cabeça.

—Não quero que perca tudo o que lhe é querido por minha causa.

—Nola. —ele disse —. Você é tudo o que tenho de mais querido. Nada mais importa.

Lágrimas queimavam seus olhos.

—O que fiz para te merecer?

—Sou eu que não te mereço. Mas tem minha palavra, vou fazer tudo o que esteja ao meu alcance para demonstrar que sou digno de você.

Deu-lhe um beijo suave nos lábios.

—Você já o fez.

—Nola. —Escutou Delilah chamar.

Nola se voltou e Zane a envolveu em seus braços, mantendo-a no amparo do seu abraço. A guerreira de cabelo azul estava caminhando para ela, sua expressão em branco. Layel se manteve

próximo com uma faca na mão, tão protetor com sua mulher quanto Zane era com Nola.

—Está bem. —Disse Delilah.

—Sim. E você?

—Sim. —E então, Delilah sorrindo, empurrou Zane para o lado para poder abraçá-la com força—. Estive tão preocupada com você.

Nola olhou para Zane e lhe deu um gesto de fôlego. Mordendo-os lábios, Nola lhe devolveu o abraço.

—Pensei que ia ter que entrar a força na barraca e ter uma conversa séria com Zane — disse Delilah afastando-se sorrindo—. Mas os gemidos eram mais de prazer do que de dor, assim Layel foi capaz de me deter.

As bochechas de Nola ficaram vermelhas iguais às de Zane, notou. E por alguma razão, isso alívio sua própria vergonha.

Layel lhe deu uma palmada nas costas. Zane ficou rígido por um momento, logo relaxou contra Nola.

—Bom homem. —disse o Rei rindo—. Fez nosso povo orgulhoso.

—Bom, Vamos para casa? —perguntou Delilah. Esfregou o ventre, o que fez com que Nola se desse conta que ele não estava tão plano como se lembrava.

—Como protetor desta fantasia de diabo, não sou mais o soldado que fui um dia, e prefiro a comodidade da minha cama.

Um bebê, Nola olhou Zane de novo. Ele lhe deu um sorriso suave, com uma promessa de que eles algum dia também teriam essa alegria.

—Parabéns Delilah. Estou tão contente por você.

Delilah sorriu.

—Obrigada.

A guerreira e seu marido trocaram um tenro sorriso antes que Layel a escoltasse alguns metros adiante onde os cavalos estavam mastigando erva.

—Zane? Se unirá a nós?

—Vamos tentar—Disse ele, mas não explicou mais.

Se o Rei entendeu ou não, limitou-se a assentir.

—Voltamos para o palácio, homens. —Chamou.

Zane ajudou Nola a subir no lombo do seu cavalo, logo subiu atrás dela. Sentiu o nervosismo correr por seu corpo quando começaram a avançar. Primeiro Layel e Delilah desapareceram nas árvores, em seguida a tropas de Vampiros. Logo seria sua vez… Logo saberia se ainda estava atada ao acampamento.

—Zane. —Disse incapaz de ocultar o tremor da sua voz.

Ele não disse nada, só instigou o cavalo a ir num ritmo mais rápido. E então, passaram iguais a todos os outros. Estavam no bosque, afastando-se do seu cativeiro.

—Conseguimos! Estamos livres!

—Como eu sabia que o faríamos. —Beijou a parte superior de sua cabeça—. Os Deuses não são os monstros cruéis que eu imaginava. Como poderiam sê-lo, quando nos uniram?

Obrigado, articulou para o topo da cúpula. Nenhuma só vez olhou para trás. Havia muito pelo que olhar para diante.

—Te Amo Zane.

—Eu também te amo. Será o meu prazer lhe demonstrar isso uma e outra vez.

—Inclusive quando terminar a temporada de emparelhamento? —brincou.

A apertou com força.

—Tenho a sensação de que nossa temporada de emparelhamento durará por toda a eternidade, carinho.

Fim

